

LT 112



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
Departamento de Letras Modernas

Formas de cumprimento na língua Echuwabo

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

Hermínia Stuart Torrie de Carvalho

Maputo, 2002

LT-112




FORMAS DE CUMPRIMENTO NA LÍNGUA ECHUWABO

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em **Linguística** da Universidade Eduardo Mondlane por **Hermínia Stuart Torrie de Carvalho**

Faculdade de Letras
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: **dr. Henrique Nhaombe**

Maputo, 2002

O Juri:			
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
			21.06.2002

F. LETRAS U.E.M. 04

R. E. 29190

DATA 15.10.2002

AQUIÇÃO oferta

COTA LT-112

= 432.99(679)
C311f

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais João de Carvalho e Luísa Marques

Aos meus irmãos Irene, João e Marques

Com muito amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

É com maior prazer e sinceridade que exprimo os meus agradecimentos à todos aqueles que de uma forma directa ou indirecta contribuíram para o surgimento do presente trabalho:

Em primeiro lugar ao meu supervisor, dr. Henrique Nhaombe, que de uma forma idónea e sábia me orientou e me iluminou com o seu saber durante a realização da presente pesquisa.

Aos professores do curso de Linguística por me terem transmitido os seus conhecimentos, os quais contribuíram para a minha formação.

Às comunidades Echuwabos da cidade de Maputo, principalmente, aos falantes que me forneceram os dados.

À todos os meus colegas do curso de Linguística, em especial, ao Hélder Araújo e à Marcela.

Ao dr. Carlitos Companhia, pelo auxílio material e sugestões de trabalho durante a realização da presente pesquisa.

Ao Alfredo Comé e ao Tomás Jossias pela assistência na área de informática.

À minha mãe, pelo carinho, amor e dedicação e, sobretudo, por ter inculcido em mim a vontade de estudar.

Aos meus irmãos Irene, João e Marques, e ao Acubar, pela força que me deram ao longo de toda a minha formação.

À todos aqueles que não foram mencionados, mas que de uma forma ou de outra prestaram o seu contributo.

RESUMO GERAL

O presente trabalho visa o estudo das formas de cumprimento na língua Echuwabo. Com este trabalho, pretendemos dar o nosso contributo ao estudo das línguas bantu, em geral, e da língua Echuwabo, em particular.

O nosso objectivo principal é demonstrar como é que se realizam as formas de cumprimento na língua Echuwabo. Para a efectivação desse objectivo, trabalhamos com quatro diálogos produzidos por falantes natos do Echuwabo, pertencentes às comunidades católicas da cidade de Maputo.

O trabalho é composto por 5 capítulos, a saber:

O capítulo I é o capítulo da introdução, onde apresentamos a motivação e a importância do estudo, bem como a delimitação do objecto de estudo e os objectivos do mesmo;

O capítulo II é destinado à Revisão Bibliográfica. Neste capítulo, apresentamos a parte teórica que servirá de suporte para a nossa análise de dados;

O capítulo III, é destinado à apresentação da metodologia que foi adoptada na recolha de dados;

No capítulo IV, fazemos a análise e discussão de dados e, por fim, no capítulo V, apresentamos as conclusões e algumas recomendações para estudos posteriores.

SUMÁRIO

Declaração.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo Geral.....	iv
Sumário.....	v
Abreviaturas, símbolos e convenções.....	vii
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Motivação e Importância do estudo.....	1
1.2. Delimitação do objecto de estudo.....	2
1.3. Objectivos do estudo.....	3
CAPÍTULO II – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	4
2.1. Teoria dos actos de fala.....	4
2.2. Implicaturas conversacionais.....	8
2.3. Estrutura da conversa.....	9
2.3.1. Abertura de conversa.....	10
2.3.2. Alternância na conversação.....	10
2.3.3. Término de conversa.....	11
2.3.4. Pares Adjacentes.....	13
3. Sumário.....	15
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE RECOLHA DE DADOS.....	16
3.1. Metodologia.....	16
3.2. Procedimentos de recolha de dados.....	17
3.3. Dificuldades detectadas na recolha de dados.....	17
3.4. O <i>Corpus</i>	18

CAPÍTULO IV-ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....	20
4.1. Procedimentos de Análise.....	20
4.2. Análise e discussão de dados.....	20
CAPÍTULO V-CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	39
5.1. Conclusão.....	39
5.2. Recomendações.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
ANEXOS.....	i

ABREVIATURAS, SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

EI-efeito ilocucional

Ext - extracto/excerto

Exts - extractos/excertos

F-falante

FCs- condições de felicidade

L₁- língua materna

L₂ - língua segunda

O- ouvinte

TL - tradução livre

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1.1. Motivação e importância do estudo

O Português em Moçambique é tido como língua oficial, não obstante estudos efectuados nesta área revelarem que esta língua é apenas do domínio da minoria. Com efeito, o censo populacional de 1997 revela que apenas 3% de uma população total de 16 milhões fala Português como língua nativa, (L₁) e cerca de 48% falam-no como língua segunda (L₂) enquanto que os restantes 49% não têm competência nesta língua.

Este facto deve-se, entre outros factores, ao multilinguismo que caracteriza o cenário linguístico de Moçambique onde, para além do Português, coexistem outras línguas, nomeadamente as línguas Bantu e as de origem asiática.

Stroud (1997) apresenta o seguinte quadro sobre a situação linguística de Moçambique:

- Nas áreas urbanas centrais o Português é o meio de comunicação mais frequente;
- Nas áreas suburbanas etnicamente mistas, o Português pode funcionar como uma língua franca entre falantes com diversas línguas nativas;
- Em distritos onde a maior parte dos membros da comunidade partilham uma ou mais línguas Bantu mutuamente inteligíveis, o Português será confinado a um leque limitado de funções e contextos de L₂.

Como se pode ver, a partir do resumo apresentado por Stroud, as línguas Bantu estão (quase) sempre presentes e desempenham um papel importante na interacção quotidiana dos moçambicanos, daí o nosso interesse pelo estudo das mesmas.

Nos últimos anos, o estudo destas línguas vem ganhando novos espaços, contrariamente ao passado, período no qual a elas estava reservado o estatuto de "dialecto". Como se sabe, quando não usado para referir uma variante de língua motivada pelo factor geográfico, este termo transporta consigo uma carga negativa e tal

como defendeu Lopes (1997), os colonos reservavam o termo eminentemente científico (dialecto) para se referirem a algo que consideravam como inferior e sem reconhecimento.

Deste modo, pensamos ser importante a divulgação de estudos nestas línguas para maior compreensão do seu funcionamento gramatical. Outro impulso que nos levou a prestar atenção a estas línguas foi a polémica reacendida em 2001 sobre a introdução das línguas Bantu no ensino, e também a recente decisão que preconiza a introdução do Xirhonga como língua de trabalho no Concelho Municipal de Maputo (cf. *Notícias*, 14.11.2001). Assim, pensamos estar a contribuir para o estudo científico destas línguas tal como muitos estudiosos moçambicanos têm vindo a fazê-lo.

1.2. Delimitação do objecto de estudo

Com o presente trabalho, pretendemos fazer uma das formas de cumprimento na língua Echuwabo.

A língua Echuwabo (P₃₄) segundo a classificação de Guthrie (1971), localiza-se na província da Zambézia (Maganja da Costa, Quelimane, Namacurra, Mocuba, Mopeia, Morrumbala e Milange) e na província de Sofala (Beira). Segundo o censo populacional de 1997, o número de falantes desta língua é de 786. 715 indivíduos. O Echuwabo tem três variantes a saber:

- a) Echuwabo- falado na faixa que liga a cidade de Quelimane ao distrito de Mugogoda, cujo raio é de 45 Km, aproximadamente;
- b) Ekarungu- falado na ilha de Inhassunge. Esta variante apresenta características bem distintas, à medida que se vai penetrando para o interior;
- c) Marendje- falado nos distritos de Milange, Mocuba, Morrumbala e Lugela.

No entanto, como é sabido, existem falantes de várias línguas Bantu distribuídos por todo o país. Por outras palavras, não existe uma equivalência rigorosa,

provincia/línguas correspondentes a essa provincia, havendo deste modo, falantes e comunidades Echuwabo espalhadas por quase todo o país, incluindo a cidade de Maputo.

O nosso objecto de estudo, como referimos anteriormente, são as formas de cumprimento na língua Echuwabo. Estas foram recolhidas junto de duas comunidades Echuwabo da cidade de Maputo. O *corpus* é constituído por quatro diálogos produzidos por falantes cuja língua materna é o Echuwabo.

A pesquisa surge no âmbito daquilo que fomos observando no nosso dia-a-dia, sobretudo na forma como os falantes executam os cumprimentos nas línguas Bantu. Estas formas de cumprimento sempre nos pareceram bastante complexas no que diz respeito ao tempo dispendido, à ordem das intervenções, aos assuntos abordados e ao "acordo" em terminarem o cumprimento. É por este motivo que decidimos analisar as estratégias utilizadas para a execução das formas do cumprimento na língua Echuwabo.

Com base na observação do comportamento dos falantes no dia-a-dia, avançamos a hipótese segundo a qual as formas de cumprimento na língua Echuwabo tendem a realizar-se como se de uma conversa se tratasse. Esta hipótese será retomada no capítulo destinado à análise e discussão de dados.

1.3. Objectivos do estudo

A pesquisa tem como objectivo geral fazer uma recolha de algumas formas de cumprimento na língua Echuwabo, visando demonstrar como é que estas são realizadas. Nesta perspectiva, o presente trabalho descreve como é que se inicia o cumprimento, ou seja, como é o primeiro contacto. Descreve também os assuntos abordados e os mecanismos que os falantes usam para cada um intervir, assim como a forma como termina o cumprimento.

CAPÍTULO II - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Teoria dos actos de fala

Os actos de fala são o cerne da linguagem ou seja da comunicação linguística. Ao falarmos uma língua, executamos actos de fala tais como fazer afirmações, dar ordens, fazer perguntas, fazer promessas, etc.. A produção ou emissão de uma ocorrência de frase sob certas condições é um acto de fala. Segundo Searle (1984) os actos de fala, são a unidade básica, ou seja, a unidade linguística mínima.

A teoria dos actos de fala é bastante complexa e sobretudo contraditória em alguns aspectos. Alguns autores que se debruçam sobre os actos de fala (Leech 1983; Searle 1984), têm todos como ponto de partida as teorias apresentadas por Austin (1975).

No seu estudo, Austin faz uma distinção entre três tipos de actos de fala, a saber: acto locutório, acto ilocutório e acto perlocutório.

Segundo este autor, um acto locutório corresponde à enunciação de uma ou mais palavras numa frase, a partir da operação linguística de atribuição de referência e codificação de significado, permitindo ao ouvinte compreender o que foi enunciado. O acto ilocutório compreende o uso de uma frase linguisticamente operativa para efectuar algo, para realizar uma acção circunstancialmente funcional, como, por exemplo, prometer e ordenar. Por último, o acto perlocutório traduz-se nos resultados ou efeitos produzidos com o efectivar do enunciado.

Um outro aspecto, na abordagem de Austin, dá conta do facto de os enunciados desempenharem várias funções na interacção verbal. Desse ponto de vista, o autor, remete-nos a uma distinção entre enunciados performativos e constativos. Os enunciados constativos são aqueles que podem ser analisáveis segundo critérios de verdade ou falsidade, isto é, enunciados que fazem uma declaração, enquanto os enunciados performativos são enunciados activos, criadores de um novo estado de

coisas constituindo-se, simultaneamente, em enunciados e em acções. Os enunciados performativos não descrevem algo, não são verdadeiros ou falsos, não são apenas o dizer ou o afirmar, são sobretudo parte de uma acção.

Searle (1984) também debruça-se sobre a questão dos actos de fala, classificando-os em actos de enunciação, actos ilocutórios e actos perlocutórios. Ele focaliza a sua atenção sobre os actos ilocutórios através do estabelecimento de uma tipologia geral deste tipo de actos.

Este autor defende que os actos ilocutórios são caracteristicamente realizados na enunciação de sons ou quando se escreve alguma coisa. No entanto, estes sons gráficos têm uma significação e com eles se pretende dizer alguma coisa.

O autor adianta que, quando se fala, é característico que se queira significar alguma coisa pelo que se diz, e a sequência de sons que se emite, tem como característica ter uma certa significação. Ele conclui que dizer alguma coisa e querer significá-la é uma questão de estar a executar um acto ilocutório. É nesta perspectiva que o autor considera que, na execução de um acto ilocutório ou na enunciação literal de uma frase, o falante pretende produzir um certo efeito, fazendo com que o ouvinte perceba a sua intenção de produzir aquele efeito.

Searle combina dois elementos diferentes na análise do acto ilocutório, nomeadamente aspectos intencionais e convencionais. Para provar a sua teoria, o autor postula que não existe nenhuma intenção de produzir ou provocar nenhum estado, ou acção no ouvinte, quando se profere um "olá" que não seja o conhecimento de que ele está a ser cumprimentado e que esse conhecimento é o "entendimento" por parte do ouvinte do que o falante disse e não uma resposta ou efeito adicional. Ainda dentro dessa ordem de ideias, o autor avança que somos bem sucedidos naquilo que estamos a tentar (dizer) ao conseguirmos fazer com que o nosso ouvinte reconheça o que estamos a tentar fazer. Porém, ele adianta que o "efeito" sobre o ouvinte não é uma crença ou

resposta, consiste simplesmente no entendimento que o ouvinte tem da enunciação do falante e que esse efeito, designa-se de efeito ilocutório.

O que foi acima dito resume-se da seguinte maneira: O Falante (F) pretende produzir um efeito ilocutório (EI) no ouvinte (O) fazendo com que (O) reconheça a intenção de (F) ao produzir (EI).

Um dos aspectos que interessa referir na abordagem da teoria dos actos de fala é a noção de força ilocutória que dá conta da função que um enunciado assume no contexto da sua enunciação.

O conceito de força ilocutória é importante porque como argumentou Searle (1984) o marcador de força ilocutória indica o modo pelo qual é preciso considerar a proposição, isto é, qual será a força a atribuir à enunciação ou ainda, qual é o acto ilocutório realizado pelo falante quando profere a frase.

Um exemplo para ilustrar o que foi referido atrás pode-se encontrar na produção do enunciado "senta-te". Este enunciado tem uma força particularmente variável que pode, em diferentes circunstâncias, ser chamada de convite, uma sugestão, uma oferta ou ainda uma ordem.

O autor defende que sempre que a força ilocutória de uma enunciação não for explícita, ela pode ser explicitada. Isto deriva do "princípio da expressabilidade" que estabelece que tudo que pode ser significado pode ser dito.

Ele menciona algumas formas utilizadas em Português para marcar a força ilocutória, a saber: a ordem de palavras, o acento tónico, a entoação, a pontuação, o modo do verbo e os verbos chamados performativos.

O modo como o locutor enuncia os actos performativos também mereceu algum destaque nas reflexões de Searle, principalmente no que se refere ao actos de fala indirecto. Ele define actos de fala indirectos como sendo um acto em que o locutor ao enunciar uma frase, quer dizer o que diz, mas também quer dizer algo mais.

A questão das condições de felicidade (FCs) inerentes à um acto ilocutório também interessou a análise de Searle (1984). Este estabeleceu uma tipologia e classificou as condições de felicidade da seguinte maneira: condições preparatórias, proposicionais e de sinceridade.

As condições preparatórias relacionam os pré-requisitos do mundo real a cada acto ilocutório; as proposicionais especificam restrições no conteúdo do falante e finalmente as condições de sinceridade enunciam o requisito de crenças, sentimentos e intenções do falante como apropriadas para cada tipo de acção.

Para ilustrar o que foi acima dito, o autor apresenta alguns exemplos como sejam as ordens, as asserções, e cumprimentos. No que diz respeito às ordens, as condições preparatórias estabelecem que o falante esteja numa posição de autoridade em relação ao ouvinte; as condições de sinceridade consistem em o falante querer que se realize o acto ordenado; a condição essencial tem a ver com o facto de o falante pretender que a enunciação seja uma tentativa de conseguir que o ouvinte realize o acto.

Quanto às asserções, as condições preparatórias incluem o facto do ouvinte ter alguma base para supor que a proposição asseverada é verdadeira; as condições de sinceridade consistem em acreditar que seja verdadeira; e a condição essencial tem a ver com o facto de a proposição ser apresentada como representando um estado de coisas real.

Finalmente, no que concerne aos cumprimentos, na enunciação de "olá", por exemplo, não há nem conteúdo proposicional, nem condição de sinceridade. A condição preparatória consiste em que o falante tem que se encontrar com o ouvinte, e a condição essencial consiste em que a enunciação é considerada como uma indicação gentil de reconhecimento do ouvinte.

Concluindo, diríamos que fornecer as condições de felicidade para alguns actos ilocutórios é especificar exactamente o contexto para a enunciação particular de um tipo de frase.

Leech (1983) aborda a noção de força ilocutória e argumenta que esta pode ser convenientemente comparada através da análise do significado dos verbos ilocutórios tais como *aconselhar*, *ordenar* e *prometer*, adiantando que o sentido do verbo ilocutório é parte da gramática e quando analisamos a força ilocutória dos enunciados nós estamos a lidar com a pragmática.

2.2. Implicaturas conversacionais

O conceito de acto de fala conduz-nos à noção de implicaturas conversacionais. Para além dos fenómenos ligados aos actos de fala indirectos que têm a ver com a falta de correspondência directa entre o que o falante quer dizer com o seu enunciado e o que efectivamente diz, há que ter em conta os casos em que o falante, no acto de comunicação, somente insinua o que quer dizer, isto é, "implícita" o que quer dizer sem enunciar.

Clark & Clark (1975) afirmam que as implicaturas conversacionais estão ligadas ao princípio cooperativo o qual permite que os interlocutores assumam que estão a tentar ser cooperativos.

Levinson (1983) expressa uma opinião semelhante à de Clark & Clark (1975) quando afirma que as implicaturas conversacionais contribuem no sentido de fornecer alguma descrição explícita de como é possível significar (num sentido geral) mais do que é realmente dito, ou seja, mais do que é literalmente expresso pelo sentido convencional da expressão linguística enunciada.

As implicaturas conversacionais estão ligadas a princípios conhecidos como princípios cooperativos ou "máximas de Grice" (1975).



As máximas de Grice foram resumidas por Levinson (1983) da seguinte maneira:

(i) Máxima de Quantidade: Dê a quantidade exacta de informação, isto é:

1. Faça a sua contribuição tão informativa quanto é requerida;
2. Não faça a sua contribuição mais informativa do que é requerida.

(ii) Máxima de Qualidade: Diga a verdade, isto é:

1. Não diga o que acredita ser falso;
2. Não diga aquilo que tem falta de evidência adequada.

(iii) Máxima de relevância: Sê relevante

(iv) Máxima de modo: Sê perspicaz, isto é:

1. Evite a obscuridade de expressões;
2. Evite ambiguidades;
3. Sê breve;
4. Sê metódico.

As implicaturas conversacionais não são inferências semânticas mas antes inferências baseadas no conteúdo do que se tem dito e alguma suposição específica acerca da natureza cooperativa da interacção ordinária verbal.

2.3. Estrutura da conversa

Uma conversa pode ser considerada como um tipo predominante de fala em que dois ou mais participantes alternam livremente. Geralmente, ocorre fora de instituições fixas, tais como serviços religiosos, tribunais, sala de aulas e mais (Levinson 1983).

Aparentemente, a conversa parece ser bastante simples, ocorrendo numa situação em que os falantes se encontram, trocam um par de "olás", conversam e terminam com um "adeus". O plano da conversa é, no entanto, muito complexo, como veremos adiante.

Cada falante, ao participar numa conversa, tem um determinado objectivo e pretende realizá-lo. Por isso, os participantes numa conversa devem cooperar de forma a que esta beneficie a ambos. Assim, discutiremos três aspectos ligados à maneira como os participantes abrem, alternam e fecham uma conversa.

2.3.1. Abertura de conversa

As pessoas necessitam de arranjar formas para iniciar uma conversa ou, como descreveu James (1980), “quebrar o gelo”, principalmente entre pessoas que não se conhecem. Contudo, existem formas estereotipadas para iniciar conversas e estas variam de sociedade para sociedade. Estas formas são conhecidas por comunhão fáctica. Elas estão relacionadas aos pares adjacentes em que, por exemplo, o falante A diz “olá” e B responde “sim”.

Clark & Clark (1977) defendem que, ao começar uma conversa, uma pessoa deve obter a atenção da outra e o sinal de disposição para conversar; e a outra deve mostrar também disposição em tomar parte nela. Para esse propósito, segundo estes autores, existe a chamada sequência de convocação de resposta, onde uma pessoa diz, por exemplo, “Ei Bill” e a outra diz “sim” e, uma vez quebrado o gelo a conversa fluía normalmente.

2.3.2. Alternância na conversação

Como dissemos anteriormente, durante a conversa, os falantes estão a realizar os seus objectivos. Sendo assim, eles devem concordar conjuntamente de forma implícita num método ordenado de fala.

Os requisitos desses métodos segundo Clark & Clark (1977) são os seguintes:

- Cada participante tem uma chance para falar;
- Somente uma pessoa poderá falar de cada vez;

- O intervalo entre as palavras deverá ser breve (para eficiência);
- Eles devem ser metódicos ao decidir quem fala primeiro.

Levinson (1983) caracteriza a alternância conversacional da seguinte maneira: um participante A fala e pára e, outro B, fala e pára. Assim obtemos uma distribuição de fala entre dois participantes, do tipo A-B-A-B-A-B.

Há três regras para a coordenação da fala de acordo com Clark & Clark (1977), a saber:

Regra 1: A próxima volta vai para a pessoa a quem foi endereçada pelo falante actual;

Regra 2: A volta seguinte vai para a pessoa que falou primeiro;

Regra 3: A próxima volta vai para o falante actual, se ele presumir que mais ninguém falará.

Essas três regras estão ordenadas. A regra 1 tem prioridade acima das regras 2 e 3. Se o falante A coloca a B uma questão, B é obrigado a falar a seguir. A regra 2 é prioritária em relação à regra 3 e essas três regras realizam os requisitos indicados inicialmente. Assim, cada participante normalmente obtém uma chance para falar (regra 2). Somente uma pessoa fala num dado momento e o intervalo entre as voltas terá que ser curto para que o próximo falante tenha que começar rapidamente a reassumir a fala, se mais ninguém quiser falar (regra 2); a ordem dos falantes e a quantidade do que eles dizem não é fixada consoante o tempo.

Resumindo, essas regras constituem um método para decidir quem fala e quando. O ponto crucial é que elas solucionam o problema de como coordenar a fala.

2.3.3. Término de conversa

O término de uma conversa é feito de uma maneira idêntica à abertura, ou seja, utilizando a comunhão fáctica. Existem formas típicas para a despedida as quais variam

também de sociedade para sociedade. Contudo, fechar uma conversa é tido como mais complexo do que abri-la. Clark & Clark (1977) defendem que primeiro A e B têm que concordar em fechá-la, e a seguir, eles realmente a fecham. Segundo estes autores, este é o problema mais difícil, podendo ser solucionado pelo uso de um outro mecanismo conversacional - a declaração de pré-fechamento e a sua resposta. Estas, quando levadas a cabo adequadamente, iniciam a selecção do fecho que termina com a clássica troca "adeus"/ "adeus".

No entanto, Laver (1975), citado por James (1980), apresenta seis estratégias para fechar uma conversa, a saber:

1. Dar alguma razão para terminar o encontro;

Ex: Bem, eu tenho realmente que seguir o meu caminho.

2. Avaliar a qualidade do encontro, presumivelmente um pode fazer uma avaliação crítica ou favorável;

Ex: Foi muito bom falar contigo.

3. Expressar interesse pelo bem estar da outra pessoa;

Ex: Agora, tome cuidado.

4. Referência a continuação futura do encontro;

Ex: Ver-te-ei na próxima semana.

5. Referência a um conhecimento mútuo onde o conhecimento é um "closer" do ouvinte em relação ao falante.

Ex: Dê a minha estima a Maria (esposa do ouvinte).

Ex: Diga olá aos miúdos.

6. Aumento de usos de termos directos.

Esses têm o efeito de tranquilizar o destinatário para que ele não possa interpretar o desejo de fechar a conversa como uma rejeição.

2.3.4. Pares Adjacentes

O conceito de pares adjacentes é também muito importante na coordenação da fala. Segundo Clark & Clark (1977), uma parte de alternância é coordenada pela regra 1, indicada anteriormente, onde um falante se dirige a um segundo e o segundo responde. As duas voltas juntas constituem um par adjacente.

Esta ideia é sustentada por Levinson (1983) ao afirmar que os pares adjacentes estão inter-relacionados com o sistema de alternância, enquanto técnicas de selecção de um próximo falante. Este apresenta uma caracterização de pares adjacentes fornecida por Sacks (1973), em que estes são sequências de dois enunciados, tais como:

- (i) Adjacentes;
- (ii) Produzido por falantes;
- (iii) Dispostos em uma primeira parte e uma segunda parte;
- (iv) É típico que a primeira parte requeira uma segunda particular.

Segundo alguns exemplos extraídos de Clark & Clark (1977), esses pares podem-se organizar da seguinte maneira:

- (i) Questão/resposta
 - A: O que tu queres para o jantar?
 - B: Carne, está bem.
- (ii) Cumprimento/cumprimento
 - A: Olá!
 - B: Olá!
- (iii) Oferta-aceitação/rejeição
 - A: Vamos ao filme esta noite!
 - B: Está bem.
 - A: Queres ajuda?

B: Não, obrigada.¹

Fazendo uma leitura dos exemplos apresentados, Clark & Clark (1977) defendem que os pares adjacentes servem uma função diferente para além de mera coordenação de dois pares, visto cada um ter um propósito específico.

Os autores defendem que as questões são usadas para extrair informação, os cumprimentos são usados para indicar contacto formal; e as ofertas mostram boa vontade em fazer alguma coisa, e muito mais. Porém, afirmam que os pares adjacentes são muito mais do que isso, na medida em que, quando A coloca a B uma questão, A não está somente a perguntar para obter uma informação mas também a indicar a B que poderá cooperar por responder à questão imediatamente. E B ao responder à questão não somente fornece a A a informação que necessita mas também indícios da sua disposição em cooperar naquele ponto da conversa. Geralmente, a resposta de B transporta um convite implícito para A continuar a conversa.

Concluindo, Clark & Clark (1977) resumem pares adjacentes como mecanismos para A e B coordenarem a sua fala através de uma série recíproca de obrigações.

Através do que foi apresentado por estes autores, podemos notar que os pares adjacentes desempenham um grande papel numa conversa, principalmente ao abri-la e fechá-la.

¹ Exemplo da nossa autoria

SUMÁRIO

As pessoas estão inseridas numa sociedade e para realizarem as suas actividades necessitam de se comunicarem. Estas se comunicam com vários fins: para pedir informações, avisar, reclamar, dar ordens, trocar ideias ou simplesmente para manterem contacto.

As trocas conversacionais são realizadas através de certos mecanismos linguísticos. São esses mecanismos linguísticos que vão estruturar a conversa, levando os interlocutores a iniciarem, a manterem ou a terminarem a conversa, dependendo da forma como for proferido o enunciado, como for entendido pelo falante e da disposição de ambos em conversar. Nessa ordem de ideias, decidimos apresentar a teoria dos actos de fala (secção 2.1), uma vez que desempenham um papel preponderante nas trocas conversacionais.

Porém, muitas vezes essas trocas são tão complexas que o enunciado proferido pelo falante vem carregado de outras informações. Contudo, pelo facto de os interlocutores dominarem as regras da língua, o ouvinte consegue captar o sentido "oculto" do enunciado proferido pelo falante. Para explicar este facto, introduzimos a noção de implicaturas conversacionais (secção 2.2).

No entanto, as trocas conversacionais não são feitas de maneira aleatória. Existem mecanismos e regras utilizadas para provocar o primeiro contacto, para apurar se o interlocutor deseja conversar, para saber a ordem de intervenção de cada participante e também para fechar a conversa. Assim, a nossa pesquisa cingir-se-á, principalmente, nesta última parte que acabamos de descrever, ou seja, ela terá como alicerces a estrutura da conversa (secção 2.3).

CAPÍTULO III- METODOLOGIA DE RECOLHA DE DADOS

3.1. Metodologia

Antes de nos deslocarmos ao campo tivemos em conta certos factores que influenciam a variação linguística tendo em conta o tipo de pesquisa que efectuamos. Seleccionamos três variáveis sociais, nomeadamente, zona/bairro (urbano e não urbano), sexo e idade.

No que diz respeito à zona, decidimos efectuar a recolha de dados tanto em bairros urbanos como em bairros suburbanos, tendo-se seleccionado um bairro urbano (Malhangalene) e outro suburbano (25 de Junho).

Quanto à variável sexo, a opção foi seleccionarmos seis informantes do sexo masculino e outros seis do sexo feminino.

Relativamente à idade dos informantes, a opção foi recolher dados junto a informantes com um nível de conhecimento relativamente estável da sua língua materna (o Echuwabo). Deste modo, a alternativa foi seleccionar informantes com idade compreendida entre os 30-50 anos. A opção pelos informantes desta faixa etária decorre do facto de pensarmos que os indivíduos com esta idade têm um forte domínio da sua língua.

Tendo em conta estes factores, contactamos duas comunidades Echuwabo da cidade de Maputo, a saber: a comunidade Echuwabo pertencente à Igreja Católica de Malhangalene (zona urbana) e a comunidade Echuwabo do bairro 25 de Junho (não urbana), também católica. No primeiro caso, o contacto fez-se a partir de um dos membros pertencentes a esta comunidade que nos endereçou à mesma. No segundo, o contacto fez-se através de um amigo que nos apresentou a um dos membros da comunidade o qual, por sua vez, nos conduziu aos restantes elementos.

3.2. Procedimentos de recolha de dados

Com vista à recolha de dados, fomos ao "campo" munidos de um gravador, tendo começado primeiro pela comunidade Echuwabo da Malhangalene. Depois de explicarmos o que pretendíamos, dois dos membros da comunidade se propuseram a simular vários cenários. Optámos por esta metodologia de recolha, visto ser quase impossível recolher as formas de cumprimento em situação de interacção no dia-a-dia.

Os falantes seleccionados nessas comunidades tinham todos como língua materna a língua Echuwabo e apresentavam um perfil sociolinguístico diversificado (vide anexo II).

Os dois falantes da comunidade Echuwabo da Malhangalene participaram nos diálogos 1 e 2. No diálogo 1, o primeiro falante foi designado por A e o segundo por B. No diálogo 2 esta ordem foi invertida, significando que o falante A do diálogo 1, passa a ser B no diálogo 2.

No que concerne à comunidade católica Echuwabo de 25 de Junho, os dois primeiros falantes participaram no diálogo 3, sendo o primeiro falante A, e o segundo falante B.

O terceiro e o quarto falantes participaram no diálogo 4, sendo o terceiro falante A, e o quarto falante B.

Depois de termos gravado as simulações, passamos a fita para que os falantes a ouvissem e para que pudessemos testar a qualidade da gravação.

3.3. Dificuldades detectadas na recolha de dados

No processo de recolha de dados deparámo-nos com algumas dificuldades de ordem prática, uma vez que não foi possível, como ilustram os dados do anexo II onde apresentamos o perfil sociolinguístico dos falantes, a participação de algum membro do sexo feminino. Estas mostraram-se indisponíveis, tendo se recusado a participar. Uma

das razões que se pode adiantar para explicar este facto, é que elas mostravam-se "acanhadas" ao tomarem conhecimento que a informação seria gravada. Todavia, cooperaram, estimulando os membros do sexo masculino a participarem e até contribuíram com outras ideias.

No tocante ao factor idade, deparamo-nos com situações em que para além dos informantes previstos na nossa metodologia, encontramos muitos jovens que tinham um domínio bastante considerável da língua Echuwabo. É por esta razão que eles foram incluídos no processo de recolha de dados. Estes mostraram grande disposição em querer ajudar e participaram de forma bastante activa.

A justificação que muitos deles deram foi que a elevada proficiência dos mesmos na língua Echuwabo deve-se ao facto de alguns terem crescido com os avós que só falavam essa língua, mas muitos deles alegaram terem crescido ligados à comunidade religiosa. Como é sabido, esta conserva bastante a língua e outros factores culturais, razão pela qual muitos têm estatuto de catequistas ou animadores da comunidade. Outro facto que faz com que eles preservem a língua Echuwabo é que durante as reuniões, a catequese ou outros eventos da comunidade, eles interagem também na língua Echuwabo.

3.4. O corpus

Depois de recolhidos os dados, escutamos as gravações quantas vezes foram necessárias e procuramos transcrever os diálogos gravados, obedecendo à ortografia da língua Echuwabo proposta pelo Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. Em seguida, traduzimos os diálogos, tendo o cuidado de sermos o mais fiel possível na tradução. Em todos casos tivemos que optar pela tradução livre. Em caso de dúvidas, no acto da tradução, recorremos a outros falantes que têm esta língua como a sua L₁.

Para cada intervenção, na língua Echuwabo transcrita, colocamos a sua respectiva tradução logo abaixo, de forma a facilitar a compreensão.

Posteriormente, designamos os falantes por letras, sendo falante A, o que inicia o cumprimento, e B o que fala depois.

Os dados, depois de transcritos e traduzidos, foram arrumados e constam no presente trabalho em forma de anexo (vide anexo I).

CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

4.1. Procedimentos de Análise

No capítulo III, referimos que o *corpus* usado para a presente pesquisa sobre as formas de cumprimento em Echuwabo consiste de quatro diálogos produzidos por seis falantes residentes na cidade de Maputo, cuja língua materna é o Echuwabo. Depois de transcritos e traduzidos para o Português, tais diálogos foram codificados através duma enumeração, que, de certo modo, facilitou a nossa análise de dados.

Também afirmamos, no capítulo I, que o objectivo deste trabalho é de demonstrar como é que se realizam as formas de cumprimento na língua Echuwabo. Deste modo, na análise e discussão de dados que vamos efectuar, retomamos os extractos que espelham o mecanismo como se efectuam as formas de cumprimento na língua Echuwabo à luz da hipótese estabelecida para este trabalho, segundo a qual as formas de cumprimento na língua Echuwabo tendem a realizar-se como se de uma conversa se tratasse.

4.2. Análise e discussão de dados

A análise de dados que efectuámos permitiu observar que, na cultura Echuwabo, para os falantes se cumprimentem não têm necessariamente que se encontrar ao acaso, eles podem dirigir-se à casa de cada um deles para se “saudarem”. Ora vejamos, o seguinte extracto:

Diálogo III

Ext 1: A: Dhasensa. Bhô-tharde!

TL: *Dá licença. Boa-tarde!*

B: Bhô-tharde. Moyoni!

TL: *Boa-tarde. Bem-vindo!*

A: Brigadu!

TL: *Obrigado!*

No extracto anterior, nota-se que o falante A dirigiu-se ao local onde se encontra o falante B porque pede licença e o falante B deseja-lhe as boas-vindas, de seguida, oferece-lhe uma “cadeira”, convidando-o a sentar-se.

A condição “preparatória” para que exista o cumprimento é que os falantes tenham que se encontrar. No entanto, na língua Echuwabo, os falantes podem “provocar” esse encontro ao se dirigirem a casa de cada um deles com o objectivo de se saudarem.

Um dos aspectos salientes na análise dos dados constantes do nosso *corpus* é que na língua Echuwabo uma das condições para que as formas de cumprimento se realizem é o estabelecimento do primeiro contacto.

Uma das formas através das quais os falantes estabelecem tal contacto é perguntando o estado de saúde. Observe-se o seguinte extracto:

Diálogo I

Ext 2: A: Ndagumi?

TL: *A sua saúde?*

B: Brigadu peno nyuwo?

TL: *Obrigado. Não sei você?*

A: Ndagumi. Brigadu.

TL: *Eu estou bem de saúde obrigado.*

Como se pode ver, é apenas um contacto formal, em que o primeiro falante pergunta pela saúde e o outro responde de uma forma breve e retribui o cumprimento. Portanto, a abertura deste trecho de forma de cumprimento é feita através de um mecanismo de convocação de resposta que consiste no facto de o falante questionar o estado de saúde de B. A conversa desenvolve-se alternadamente, através de uma ordenação da fala onde o falante A inicia o cumprimento, o falante B responde e finalmente, o falante A volta a dar uma resposta a pergunta feita por B.

Observe-se de seguida o excerto que se segue:

Diálogo II

Ext 3: A: Bhô-tharde

TL: *Boa-tarde!*

B: Bhô-tharde!

TL: *Boa-tarde!*

A: Moliba?

TL: *Estão bem?*

B: Iliba peno nyuwo?

TL: *Estamos bem, não sei vocês?*

A: Miyo dhiliba venyo! Brigadu!

TL: *Eu estou bem obrigado*

Tal como ilustra o excerto, os falantes recorrem a uma outra estratégia de estabelecimento do primeiro contacto que é através duma saudação, usando uma forma de que o Português dispõe para o efeito. Deste modo, o falante A realiza uma abertura conversacional através do uso da expressão "Bho-tharde" (do português *boa tarde*).² No processo de saudação os falantes alternam a ordem da fala, constituindo assim um par adjacente visto, haver uma pergunta feita por um falante e, conseqüentemente, uma resposta por parte do outro falante.

Uma outra estratégia empregue pelos falantes para o estabelecimento do primeiro contacto, consiste em deixar o interlocutor à vontade, desejando em primeiro lugar boas vindas e criando de seguida, um ambiente favorável para que ambos cooperem. O extracto que a seguir apresentamos ilustra o que acima foi dito:

Diálogo IV

Ext 4: B: Bhô-tharde. Moyoni!

² A expressão é um empréstimo do português que ao entrar para a língua Echuwabo sofre acomodações de carácter fonológico.

TL: *Boa-tarde. Bem-vindo!*

A: **Brigadu!**

TL: *Obrigado!*

B: **Kanguilantin'thô. Mphado siswene. Muziwave mpadho dhapano siswene.**

TL: *Sente-se. Está aí assento. Sabes os assentos daqui são esses.(ralo).*

A: **Esidha thô nimala wuluvala kadhini thabuya apa?**

TL: *Nós já somos velhos não nos vai piorar aqui?*

Como se pode ver a partir do extracto 4, os falantes trocam palavras apenas para realizar o primeiro contacto. O gracejo que o falante B faz acerca do assento é um dos indicadores da tentativa que este faz de criar um ambiente favorável para a cooperação. Neste âmbito, o falante A retribui com um outro gracejo, criando deste modo condições para o prosseguimento da conversa.

Todos os extractos apresentados, conduzem-nos a conclusão segundo a qual a língua Echuwabo possui certas formas estereotipadas para a abertura de cumprimento que se traduzem na chamada comunhão fáctica.

No entanto, este não é o único aspecto que caracteriza as formas de cumprimento na língua echuwabo. Durante a negociação conversacional, os falantes recorrem ao uso de estratégias fixas de modo a dar continuidade ao primeiro contacto ora estabelecido. Tais estratégias variam em função do contexto de produção do enunciado. Vejamos o seguinte extracto:

Diálogo I

Ext 5: B: Ke okuno wawo?

TL: *Aqui do seu lado?*

A: Epa, okuno kwaderetu wene. Ijene, apa do no upa obesa, apano, ndidani na mabasani, ndidowele miyo na mabasani ndiyele vatakulo ayima ali ofanya deretu vina muyana ndifanya deretu, kavali makatamiyo nada.

TL: *Epa, aqui está tudo bem. Assim estou a chegar essa manhã, venho do serviço, quando fui também no serviço, voltei para casa, as crianças encontrei bem, a minha esposa também encontrei bem não há problema nada.*

A partir do excerto apresentado, pode-se verificar que o falante B faz uma pergunta ao falante A. Este ao responder conta o que se passa com ele, retomando deste modo o cumprimento. Como se pode ver, esta é uma das estratégias de que o falante dispõe para dar continuidade ao cumprimento.

Observemos de seguida o seguinte extracto:

Diálogo II

Ext 6: B: Agora viage niweda deretu?

TL: *Agora viagem andou bem?*

A: Viage niweda deretu. Miyo unvenyelewo nzuwa intini, muwela carro, odowa wagona va orio Save. Varu va matiyu carro iloroma weda...

A viagem andou bem. Eu quando saí naquele dia, subi carro, fui dormir no rio Save. Meia-noite o carro começou a andar...

Neste extracto, o falante B cria condições para que o falante A fale sobre si no âmbito da estratégia de continuação do cumprimento que referimos anteriormente. Este último, por sua vez, narra tudo o que se passou com ele durante a viagem. Tomemos em consideração o diálogo que se segue:

Diálogo III

Ext 7. B: I ki unda nyuwo ya?

TL: *Como é lá donde (você) vem?*

A: Yo ondhe una kwadrethu wene, kawuli yabure'nada, so ki dhamwilaboni sinjivile.

TL: *Nós donde viemos está tudo bem, não há nada de mal, só os problemas na zona é que são muitos...*

Neste excerto, estamos diante de uma outra estratégia empregue pelos falantes que visa a obtenção de informação acerca do interlocutor. O falante B pergunta e o falante A conta tudo o que se está a passar no local donde ele vem.

Fazendo uma análise dos extractos apresentados, notamos que nos extractos 5 e 7 as perguntas feitas pelos falantes B são perguntas que podemos considerar como sendo "vagas" e abertas, feitas de uma forma a que as respostas fiquem ao critério daquele que tem de responder. Estas perguntas são feitas de uma forma casual, e neutra.

As respostas dadas pelos interlocutores contam tudo relacionado com estes, desde os problemas sócio-económicos até aos relacionados com os fenómenos naturais, ou seja, ele dá maior quantidade de informação possível acerca da sua pessoa ao seu interlocutor.

No entanto, existem casos como o do extracto 6, no qual o falante B faz a pergunta "agora viage niweda deretu?", em que ele pretende saber como é que correu a viagem de A; a pergunta elaborada parece ser bastante directa. Contudo, o tipo de resposta proferida por A é idêntica a dos restantes falantes (extractos 5 e 7), como se se tratasse de uma pergunta também "vaga" visto, A relatar tudo desde o dia que embarcou, o percurso feito, os problemas que enfrentou ao longo da viagem até a chegada. Depois relata os acontecimentos vividos no local de chegada e torna a descrever a viagem de regresso.

Face a pergunta colocada e a resposta dada, diríamos que o acto realizado pelo falante B foi infeliz, visto esperar-se uma resposta do tipo "andou bem obrigado". No entanto, A conseguiu captar a intenção de B ao proferir aquele enunciado que era descrever os pormenores da viagem. O entendimento que o Falante B teve da pergunta colocada foi o de descrever o percurso feito durante a ida, o que se passou no local de chegada e tornar a descrever o percurso feito no regresso, pois, o enunciado "viage niweda deretu" transporta consigo todos os elementos descritos anteriormente. Portanto, isso demonstra que ambos conhecem as regras que regem a sua língua tornando, assim, o acto feliz. Podemos então concluir que a implicatura conversacional obtida das perguntas (5-7) é a mesma e poderia-se resumir da seguinte forma: "fale-me de si".

Outro aspecto a realçar nas formas de cumprimento na língua Echuwabo é a complexidade dos assuntos abordados, que envolvem desde aspectos mais banais, os do dia-a-dia, até aos de extrema importância como a saúde da pessoa, o estado de espírito, e isto é que faz também, com que os cumprimentos prossigam. Observe-se o seguinte extracto:

Diálogo I

Ext 8: B: N'ziro, ndidowawo omunda mas ndifanyawo wa deretu vina mulima esse daliwo diyadiya, oyima vilobo vainjivene venuvale...

TL: *Ontem fui a machamba e encontrei tudo bem, também as sementes que semeamos já começaram a dar bons e muitos frutos...*

No presente extracto, os falante desenvolvem assuntos como a machamba e o falante demonstra a sua satisfação pelos resultados obtidos.

Atente-se no seguinte extracto:

Diálogo III

Ext 9: A: ...nifwanyile nyamwere omowuja mwanako ole aburamela. Wadhilegwime mthubi okuno obweleya...eya warela maz wakana mazay kumi na mathana na meli kodhi eje penô azare penô?...

TL: ...encontramos a raposa enquanto já tinha comido a galinha, aquela que estava a chocar os ovos. Aquela que eu trazia o galo aqui para lhe emprestar... já tinha posto dezassete ovos, isso é azar não sei?...

No extracto acima aborda-se um assunto do quotidiano. O falante exprime o seu desespero pelo facto da raposa ter comido a sua galinha, que era uma das fontes do seu rendimento. Podemos encontrar também outros assuntos. Observe-se o seguinte extracto:

Diálogo III

Ext 10: A: Maz thô miyo dhayiwa beluwa mwadhiyé warumali, wabaya mwanaya neni?

TL: Eu ouvi dizer que a mulher dele estava grávida já nasceu a criança ou ainda não?

Aqui faz-se alusão a algo diferente que é o nascimento de uma criança, em que o falante A pretende satisfazer a sua curiosidade, pretende-se informar. Atente-se no seguinte excerto:

Diálogo III

Ext 11: A: ...so okule murudhabile mwina odha mpaganyo lowila moya ndniyopa...

TL: ...só naquela outra zona veio respostas que diz que o meu sogro está doente...

No presente excerto, os falantes abordam um outro tipo de assunto - doença.

Depois do interlocutor que estiver a falar, contar tudo o que se passa com ele, este faz uma pausa e arranja uma estratégia para remeter ou passar a palavra ao seu interlocutor. Veja-se o seguinte extracto:

Diálogo I

Ext 12 A: ...agora peno undha nyuwo, vatakulo venyo vina?

TL: ... agora não sei donde você vem, lá da sua casa também?

Nota-se que o falante A, está a passar a palavra ao seu interlocutor e pretende que ele também fale de si ao perguntar “agora não sei você, lá da sua casa também”

Debrucemo-nos sobre o seguinte extracto:

Diálogo IV

Ext 13: Ha iyo noliba brigadu. Peno yenyo vina?

TL: Nós estamos bem obrigado. Não sei vocês também?

O extracto revela que o falante A quer saber sobre o seu interlocutor ao agradecer, como forma de terminar o que vinha dizendo, e de seguida perguntar “não sei vocês também?”

Os extractos mostram que o interlocutor que se manteve calado anteriormente fala de si, enquanto, o que falou primeiro, mantém-se calado, mas vai dando sinais de estar a cooperar com o seu interlocutor.

No extracto 14 do diálogo III é apresentada uma estratégia diferente das duas primeiras: quando o falante que iniciou o cumprimento termina, apenas agradece, e o outro interveniente sabe que chegou a sua vez e tem que retribuir o cumprimento. Ora vejamos:

Diálogo III

Ext 14: A: Brigadu!

TL: Obrigado!

B: Ninouthamalelane! Yo okuno vina niwala n'nowonani...

TL: *Agradeço. Nós aqui também já nos vimos...*

Como se pode ver, o falante B sabe que chegou a sua vez de participar na conversa a partir do momento em que o falante A agradece. Aquele, ao iniciar, começa por agradecer também e de seguida, mostra a sua disposição em cooperar. Este aspecto revela que os falantes conhecem as regras que regem a língua dos mesmos.

No extracto 15 do diálogo IV, encontramos uma estratégia diferente das primeiras três. Ora vejamos:

Diálogo III

Ext 15: A:... Ah jijwene, so eki dhabuno nagumana okumpune muchido mpule. Kay thô nikoloene odho ovuzaga ki apapa Humberto Ruberto ah, ndiyene maz iyene ya waprometer wila nkosa... onodha dhabuno apa dhimingo maz wanganelawo oroma mabesi mpako ovane apa, em vez ovira okuno onivuzelaga nkandilo, agora peno eya pumene mo?

TL: *Hum é isso mesmo, só que hoje tivemos um encontro lá em baixo, não é aquela velha que pergunta papa Humberto Ruberto é ele, prometeu que coisa...havia de vir hoje domingo mas esperamos desde manhã até agora em vez de passar por aqui a nos saudar não veio, agora não sei se está lá mesmo?*

Neste extracto, pode-se ver que o falante A se dirigiu à casa do outro para saber o que é que se tinha passado, visto o falante B ter faltado a um encontro. Porém, ele fala em nome de uma velha que perguntou pelo falante B. O falante A não pergunta a B de uma forma directa o que se está a passar com este, fala em nome de uma outra pessoa, mas na verdade quem deseja saber é ele próprio porque foi ele que se dirigiu à casa da mesma. E depois de indagar ao outro em nome da "velha", exprimindo a sua preocupação e apesar dessa preocupação ser expressa de uma forma indirecta, o falante B tem por obrigação dar uma satisfação à A, acabando por cooperar com este, visto, ter-lhe satisfeito a curiosidade.

Podemos dizer assim, a partir dos extractos apresentados (exts12,13,14 e 15), que a alternância na conversa é bem efectuada e segue o formato A-B-A-B-A-B.

Na língua Echuwabo, o lapso temporal é muito grande, uma vez que o primeiro falante A fala sobre si enquanto, o B aguarda a sua vez. E só depois, o falante B fala e é a vez de A escutar, respeitando-se por sua vez os requisitos do método ordenado de fala. Isto é, cada participante tem uma chance para falar e somente uma pessoa poderá falar de cada vez.

Existem formas para manter o cumprimento nas quais o falante que escuta vai incitando o que fala a dizer mais, pondo-o à vontade, de forma a continuar com o cumprimento. Algumas vezes, com um acenar de cabeça, mostrando que concorda com o que o outro diz, outras vezes interrompendo para fazer um comentário. Vejamos o seguinte excerto:

Diálogo I

Ext 16: A:... olabani vinaguwo sempre niyo nolabavi mas makatamiyo kantowa...

TL: ...no serviço também nós sempre estamos a trabalhar.

B: (inde)...

TL: Sim...

O falante B interrompe apenas para concordar e vai proferindo um “Inde” (sim) de intervalo à intervalo. Noutros casos, interrompe para fazer um comentário ou para pedir esclarecimentos de forma a demonstrar que está a acompanhar o assunto, como mostra o excerto a seguir transcrito:

Diálogo I

Ext 17: A:...olabani vinaguwo sempre niyo nolabavi mas makatamiyo Kan'towa

TL: No serviço também nós estamos sempre a trabalhar mas problemas não acabam.

B: Abale marruwo wa elabo né?

TL: *Aquilo são nádegas do mundo não é?*

A: Him, nkandina vilobo vainjivene agumi otene familia otene agumi.

TL: *Não tenho muita coisa a dizer, estão todos de saúde, a família toda está de saúde.*

Neste excerto, o falante B interrompe o falante A com um comentário formulado em forma de questão e o falante A apenas emite um som de concordância "Him" mas, não comenta o enunciado proferido por B. Passemos ao extracto seguinte:

Diálogo II

Ext 18: A:...oroma omaga numba vindimúwa vadide...

TL: *Já começou a construir a casa dele muito grande.*

B: ijile etewea devido ya mainje yali?

TL: *Ah aquela "partiu-se" devido as águas (cheias).*

A: omale okokotela otene perdelô otomeya maz ndi kosa thô mulamo ndimagele yaga ndimuwa unga injene.

TL: *Já vedou toda, falta pôr barrotes. Eu falei com ele, cunhado constrói para mim grande como essa mesma.*

B: Iyene?

TL: *E ele?*

A: okosa ta bom inje yaga ingamala dionomaga.

TL: *Ele disse está bem, essa é minha quando acabar hei-de construir.*

Neste extracto, pode-se ver que há duas interrupções: a primeira é um comentário do falante B perante aquilo que o falante A está a dizer e A não responde ao comentário continuando normalmente com o que vinha dizendo; na segunda interrupção, o falante B interrompe a A e este responde, visto ser uma curiosidade, diferente da interrupção anterior.

A partir dos extractos apresentados, podemos ver que o que escuta faz certas interrupções. Contudo, não é em todos os casos que ele consegue uma resposta por parte daquele que está a falar. No extracto 17, o falante A ao ser interrompido por um comentário ao enunciado, continua com o que vinha dizendo (retomaremos este caso mais adiante). No extracto 18, B interrompe a primeira vez de uma forma bastante clara para demonstrar que está dentro do assunto e sabe do que se está a falar e A consegue captar essa informação de B por isso continua, sem responder ao enunciado proferido por B. Contudo, quando B interrompe pela segunda vez demonstrando um interesse na resposta que o cunhado do falante A deu, A esclarece o que o cunhado respondeu. Isso demonstra que tanto A como B conhecem as regras que regem o cumprimento na sua língua e que ambos cooperam, porque se assim não fosse o falante B poderia ficar ofendido por A não ter feito nenhum reparo ou não ter demonstrado interesse no comentário que o falante B fez. E este por sua vez, deixaria de prestar atenção ao cumprimento. Diríamos que o acto ilocutório proferido por B no diálogo II (extracto18) foi infeliz, mas, dado o que se verifica neste caso, este foi feliz, considerando que A não responde ao enunciado proferido, porque sabe e conhece as regras do princípio cooperativo, e qual foi a intenção de B ao proferir aquele enunciado, queria apenas secundar e demonstrar que sabia do que se estava a tratar ou evitar que A desenvolvesse mais aquele assunto visto ele já o conhecer, achando assim desnecessário respondê-lo.

No segundo caso do extracto é diferente, porque B está a pedir esclarecimentos e A como sabe que ele realmente não conhece aquele pormenor, visto ser uma das novidades que A trouxe da viagem, e tratar-se de algo recente, logicamente que B desconhece ele dá assim a informação necessária a B, ou seja, responde, demonstrando mais uma vez, que eles estão em sintonia. E o cumprimento é mantido até chegar o momento em que ambos concordam que têm que fechar.

O cumprimento é mantido também, porque os falantes dão uma quantidade muito grande de informação e isto acontece, porque como já dissemos, os falantes têm uma estratégia muito hábil de perguntar de uma forma indirecta o que se passa com uma pessoa.

O tipo de perguntas enunciadas e o tipo de respostas dadas é o que faz com que as formas de cumprimento sejam complexas e é o que faz com que se desrespeite as máximas de Grice, principalmente, a de quantidade, como demonstraremos a seguir.

Observe-se o seguinte extracto:

Diálogo I

Ext 19: A: Epa, okuno kwaderetu wene. Ijene, apa doni upa obesa, apano, ndidani na mabasani, ndidowele miyo na mabasani ndiyele vatakulo ayima ali ofanya deretu vina, muyana ndifanya deretu, kavali makatamiyo nada.

TL: *Epa, aqui está tudo bem. Assim estou a chegar essa manhã venho do serviço, quando fui também no serviço, voltei para casa as crianças encontrei bem não há problema.*

O falante A começa por dizer que está tudo bem, mas de seguida, dá uma quantidade muito grande de informação.

Repare-se no seguinte excerto:

Diálogo I

Ext 20: B: Unda iyo kwaderetu wene, kanoona makatamiyo, anamudi otene ali wene agumi, anayma vinaguwo otene agumi anamandhamany vinago ali venuvale awotene agumi.

TL: *Eu também onde sai (donde venho) não há problema, toda a família estão lá de saúde, as crianças estão de saúde, os vizinhos também estão de saúde.*

Como ilustra o presente excerto, o falante B inicia o enunciado dizendo que donde saiu não há problema, posteriormente, adianta mais pormenores relacionados com a saúde da família e dos vizinhos. Debrucemo-nos agora sobre o seguinte extracto:

Diálogo II

Ext 21: A: Viage niweda deretu. Miyo unvenyelewo n'zuwa intini, muwela carro iloroma weda...

TL: *A viagem andou bem. Eu quando saí naquele dia subi carro, fui dormir no rio Save. Meia-noite o carro começou a andar.*

Este extracto é idêntico aos anteriores, na medida em que A diz que a viagem correu bem e mais adiante dá os detalhes da viagem.

Nos excertos apresentados, as respostas são dadas de uma forma crescente. Os falantes começam pelo resumo “aqui está tudo bem”, “donde venho não há problema”, “a viagem andou bem”. No entanto, com o decorrer do cumprimento, vão relatando os problemas existentes. Essa forma crescente de passar a informação pode ser considerada como uma estratégia positiva, em que um dos interlocutores faz um resumo, enquanto o outro aguarda ansiosamente pelos pormenores, porque esses pormenores é que transportam informações que interessam ao ouvinte. O resumo que ele faz é uma frase já estereotipada porque quer esteja bem ou mal, ele sempre diz “está bem”, “andou bem”, “não há problemas”, e é por isso que o interlocutor aguarda ansiosamente que o outro prossiga. Portanto, existe um paradoxo entre aquilo que ele diz primeiro e o que vai dizer depois. Vejamos o seguinte excerto:

Diálogo III

Ext 22: A: Yo ondhe una kwadrethuwene, kawuli yabure nada, so ki dhamwilabony sinjivile.

TL: *Nós donde viemos está tudo bem, não há nada de mal, só os problemas da zona é que são muitos.*

No excerto anterior, o falante A diz que donde vem está tudo bem e de seguida frisa “*não há nada de mal*”. Porém, mais adiante, diz que os problemas da zona é que são muitos e vai enumerando os problemas. É um exemplo que ilustra claramente o paradoxo que referimos acima. No entanto, o enunciado “*donde eu venho está tudo bem, não há nada de mal*” é uma expressão já feita e não abarca aquilo que o falante quer dizer e nem aquilo que o ouvinte quer saber, levando o falante a entrar em detalhes. É a partir dos detalhes que o falante vai fornecendo, que o ouvinte vai interrompendo, pede esclarecimentos, mantendo-se assim o cumprimento.

Outro aspecto a realçar nas formas de cumprimento na língua Echuwabo é o lapso temporal. Os falantes realizam o cumprimento tendo em conta o intervalo de tempo que os separa desde o último dia em que se encontraram. Veja-se o seguinte excerto:

Diálogo II

Ext 23: A: Viage niweda deretu?

TL: Agora viagem andou bem?

A partir deste excerto, podemos inferir que os falantes viram-se pela última vez antes da viagem e que tornaram a encontrar-se naquele momento. Por isso, o falante A pergunta se a viagem correu bem. Repare-se no excerto que se segue:

Diálogo III

Ext 24: B: Yo okuno vina niwala n'nowonani dhay murima ononi vuma...

TL: Nós aqui também já vos vimos o nosso coração fica sossegado...

Com base no excerto que se segue, podemos deduzir que os falantes não se vjam há muito tempo e A estava preocupado com o silêncio de B, por isso, ele produz o enunciado “*nós aqui também já vos vimos o nosso coração fica sossegado*”, como forma de exprimir o seu alívio. Vejamos o seguinte extracto:

Diálogo IV

Ext 25: B: Por acaso yabure vathakulo kaivo chinô ekodhele yo odha onuklioni mm nga mwagumaneliwo nzilo dhauthagueda wi miyo mangwana orucha na orucha dhinokala wenewo.

TL: Por acaso coisas de mal lá em casa não há, hoje o que me fez não ir me apresentar no núcleo, como nos encontramos ontem e eu já te tinha informado que amanhã custa que custar hei-de estar lá....

Neste excerto notamos que o lapso temporal é bastante curto, visto fazer-se referência ao encontro do dia anterior.

Uma vez apresentadas as formas usadas para iniciar e dar prosseguimento do cumprimento, vamos passar a demonstrar como é que terminam as formas de cumprimento na língua Echuwabo,. Debrucemo-nos sobre o seguinte extracto:

Diálogo I

Ext 26: B: Abale marrawo wa elabo né?

TL: Aquilo são nádegas da vida não é?

A: Nkandina vilobo vainjivene agumi otene, família otene agumi. Brigadu.

TL: Não tenho muita coisa a dizer todos estão bem, a família toda está bem.

Obrigado.

O falante B produz um enunciado e A por sua vez ao retomar a palavra, afirma que já não tem nada a dizer. O enunciado de B apesar de ser uma expressão idiomática resume tudo o que B já tinha dito anteriormente, e B consegue inferir a implicatura que está por trás do enunciado, capta o que A pretende, e encerra o cumprimento. Podemos considerar assim o enunciado “Abale marrawo wa elabo né?”, como uma declaração de pré-fechamento; o falante A não responde ao comentário mas faz o que B pretende, encerra o cumprimento. O acto ilocutório foi feliz porque A agiu de acordo com o que B pretendia, a força ilocutória patente no enunciado é um convite para fechar e a

implicatura directa do acto pode ser inferida da seguinte maneira “ enfim são coisas da vida” ou “a vida é assim” e são expressões que exprimem uma conclusão e revelam que o falante B pretende encerrar e de seguida, eles realmente encerram. Podemos dizer que mais uma vez o acto executado foi feliz.

Há casos em que o fecho do cumprimento é feito de forma mais directa. Observe-se o seguinte extracto:

Diálogo II

Ext 27: B: Bay muselo ogoma veneva. Brigadu!

TL: As nossas novidades terminam por aqui obrigado.

A: Brigadu!

TL: Obrigado.

Podemos ver a partir do extracto, que o término do cumprimento é realizado de uma forma directa, onde o falante B avisa que vai terminar e o falante A concorda. Neste extracto, existe uma declaração de pré-fechamento clara, porque quem está a fazer a declaração de pré-fechamento é o falante que está a falar. Por isso, ele faz uma declaração de pré-fechamento de uma forma directa sem precisar de uma estratégia para não ferir o interlocutor e também, ele tem em conta, o facto do interlocutor já ter falado. Debrucemo-nos sobre o seguinte extracto:

Diálogo IV

Ext 28: A:...dhilobo dhina munowiwa sumana ejo undawo.

TL:...outras coisas hão-de ouvir na semana que vem.

B: Esi dha festa dhiviavi?

TL: As coisas da festa já estão quente?

A: Inde dhiviavi, kanoonavo vilobo vainjivene. Ninouthamalelane.

TL: Sim estão quentes, não tenho muita coisa a dizer, agradeço.

B: Brigadu. Tá bom!

TL: Obrigado. Tá bom.

Neste extracto, apresentámos uma situação diferente das anteriores, na qual a declaração de pré-fechamento inicia quando o falante A diz à B que “outras coisas hão-de ouvir na semana que vem”, deixando claro, que ele já não quer abordar mais o assunto. Porém, o falante B insiste ao perguntar sobre as coisas da festa, e o falante A tem por obrigação responder. De seguida, deixa claro que pretende terminar e realiza uma nova declaração de pré-fechamento e termina. O falante B consegue captar ou entende que já não deve insistir e concorda em fechar.

CAPÍTULO V - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1. Conclusões

No presente trabalho, procuramos demonstrar como é que se executam as formas de cumprimento na língua Echuwabo. De modo a alcançar tal propósito, fizemos uma recolha das formas de cumprimento na língua Echuwabo. Estas formas de cumprimento foram recolhidas junto de duas comunidades católicas da cidade de Maputo, nomeadamente, a comunidade católica de Malhangalene e a de 25 de Junho. As formas de cumprimento foram produzidas por seis membros do sexo masculino destas comunidade, os quais tinham a língua Echuwabo como sua língua materna.

As formas de cumprimento foram simuladas por estes falantes tendo sido posteriormente gravadas, transcritas e traduzidas para a língua portuguesa.

Durante o processo de recolha de dados deparámo-nos com determinadas dificuldades que se prendem com o facto de só os informantes do sexo masculino terem mostrado disponibilidade de participarem no processo.

Da análise de dados efectuada ao longo da pesquisa, verificámos que os falantes da língua Echuwabo realizam, as formas de cumprimento como se de uma conversa se tratasse.

Verificámos que os falantes começam por estabelecer um primeiro contacto, eles abrem o cumprimento e para tal acto eles têm formas já estereotipadas, a comunhão fáctica.

Vimos também que os falantes mantêm o cumprimento utilizando várias estratégias; interrompem para pedir esclarecimentos, fazer comentários ou vão proferindo certas expressões para demonstrar que estão a acompanhar o que está a ser dito.

Constatámos também, que uma das estratégias que os falantes usam para manter o cumprimento assenta-se no tipo de assuntos abordados, em que os falantes procuram

dar maior quantidade de informação possível, desrespeitando frequentemente, a máxima de quantidade.

Apuramos ainda que, numa última fase, os falantes realizam uma declaração de pré-fechamento ou, simplesmente terminam o cumprimento, e sendo este realizado com um agradecimento.

Tais evidências permitem-nos concluir e validar a hipótese de investigação esboçada para a presente pesquisa, segundo a qual as formas de cumprimento na língua Echuwabo obedecem à estrutura de uma conversa.

5.2. Recomendações

A seguir passamos a tecer algumas considerações finais decorrentes do nosso trabalho.

Em primeiro lugar, sugerimos que sejam levados a cabo estudos da mesma natureza de modo a verificar como é que as formas de cumprimento se realizam nas outras línguas bantu faladas em Moçambique.

E em último lugar, pensamos que devem ser realizados estudos de natureza contrastiva entre as formas de cumprimento em Português e em Echuwabo de modo a verificar as especificidades de cada uma delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J. (1975). *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press.
- CLARK, H. & CLARK, E. (1977). *Psychology and Language. An Introduction to Psycholinguistics*. New York: Library of Congress.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. (1997). *II Recenseamento Geral da População e Habitação 1997. Resultados definitivos - Moçambique*. Maputo. INE
- JAMES, C. (1980). *Contrastive analysis*. Essex: New York. Longman
- LEECH, G. (1983). *Principles of Pragmatics*. New York. Longman
- LEVINSON, S. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LOPES, A. (1997). *Política Linguística: Princípios e Problemas*. Maputo: Livraria Universitária, UEM.
- NELIMO (2000). *Relatório Do II Seminário Sobre A Padronização Da Ortografia Das Línguas Moçambicanas*. Maputo: INDE-UEM/NELIMO.
- SEARLE, J. (1984). *Os actos de fala*. Coimbra: Livraria Almedina.
- STROUD, C. (1997). O Corpus: Antecedentes, Quadro teórico e Aspirações Práticas. In Christopher Stroud e Perpétua Gonçalves (orgs). *Panorama do Português Oral de Maputo Volume I - Objectivos e Métodos* (pp.11-34). Maputo: INDE.

ANEXOS

ANEXO I - *CORPUS*

Diálogo I

A: Ndagumi?

TL: A sua saúde?

B: Brigadu. Peno nyuwo?

TL: Obrigado. Não sei você?

A: Ndagumi. Brigadu.

TL: Estou de saúde. Obrigado.

B: Ke okuno wawo?

TL: Aqui do seu lado?

A: Epa, okuno kwaderetu wene. Ijene, apa do no upa obesá, apano, ndidani na mabasani, ndidowele miyo na mabasani, ndiyela vatakulo, ayima ali ofanya deretu, vina muyana ndifanya deretu, kavali makatamiyo nada, agora peno unda nyuwo, vatakulo venyo vina?

TL: Epa, aqui está tudo bem. Assim estou a chegar essa manhã, venho do serviço, quando fui também no serviço, voltei para casa, as crianças encontrei bem, a minha esposa também encontrei bem não há problema nada, agora não sei donde você vem, lá da sua casa também?

B: Unda iyo kwaderetu wene, kanoona makatamiyo anamudi otene ali wenewo agumi; anayma vinaguwo otene agumi; anamandhamany vinago ali venuvale awotene agumi.

N'ziro, ndidowawo omunda mas ndifanyawo wa deretu, vina mulima ese daliwo diyadiya, oyima vilobo vainjivene venuvale, maz malelewo iyela wenewo omunda ofiya vatakulo maz kawone makatamiyo. Mudhidi dubono?

TL: Eu também onde saí (donde venho) não há problemas, toda a família estão lá de saúde, as crianças também estão de saúde, os vizinhos também estão lá de saúde.

Ontem fui a machamba e encontrei tudo bem, também as sementes que semeamos já começaram a dar muitas e boas frutas, mas depois voltamos de lá da machamba e chegamos a casa e não vimos nenhum problema. E a família aqui?

B: Inde

TL: Sim

A: Epa, quase anayima otene vatakulo kanoonavo makatamiyo, kanoonavo makatamiyo mwandemuwa wene, olabani vinaguwo sempre niyo nolabavi mas makatamiyo kan'towa.

TL: "Epa", quase todas as crianças lá em casa não têm problema, não vimos ainda um grande problema. No serviço também, nós sempre estamos a trabalhar mas problemas não acabam.

B: Abale marrawo wa elabo né?

TL: Aquilo são nádegas do mundo não é?

A: Him, n'kandina vilobo vainjivene, agumi otene, família etene agumi. Brigadu.

TL: Hum, não tenho muita coisa a dizer, estão todos bons, a família toda está de saúde. Obrigado.

B: Nada.

TL: Nada.

Diálogo II

A: Bhô-tharde!

TL: Boa-tarde!

B: Bhô-tharde!

A: Moliba?

TL: Estão bem?

B: Iliba brigadu peno nyuwo?

TL: Estamos bem, não sei vocês?

A: Miyo dhiliba venyo! Brigadu!

TL: Eu estou bem obrigado.

B: Agora, viage niweda deretu?

TL: Agora, viagem andou bem?

A: Viage niweda deretu. Miyo unvenyelewo n'zuwa intini, muwela carro, odowa vagona va orio Save. Varu va matiyu carro iloroma weda; dhidhi dubuli oitano na wararu mangwananimwe ofiya...

TL: A viagem andou bem. Eu quando saí naquele dia, subi carro, fui dormir no rio Save. Meia-noite o carro começou a andar. Aquela hora das 8 do dia seguinte chegamos...

B: Oito horas né?

TL: Oito horas né?

A: ...lofiya obero, fiyeda obero nimwela carro vinaguwo wa orio, Zambezi; fiyedewo venvuale vina kanooni makatamiyo niyowabwa muwela carro n'zuwana uraru, kinfiya? Wanuwo tchuwabo.

TL: ...chegamos na Beira; quando chegamos na Beira subimos num carro outra vez para o rio Zambezi. Quando chegamos lá também não vimos nada de mal, atravessamos, subimos carro, no terceiro dia não chegamos? - na nossa terra Quelimane.

A: Anayma wanfanya agumi, muyana vina ndiliofanya agumi; etene familia olifanya etene agumi, watitia vina dafiyawo etene agumi, mulamo vinaguwo ndifanya oroma omaga numba undimuwa vadhidhi.

TL: As crianças encontrei de saúde, a mulher também encontrei de saúde; toda a família encontrei bem de saúde; em casa da titia também cheguei todos estão bem de saúde. Fui também em casa dos sogros estão todos de saúde. O meu cunhado encontrei também, já começou a construir a casa dele muito grande.

B: Ah ijile etewea devido wa mayinje yali...?

TL: Ahm aquela partiu-se devido as águas né? (cheias)

A: Omale okotela yotene perdelô otomeya maz miyo ndi kosa thô mulamo to ndimagele yaga endimuwa unga injene.

TL: Já vedou toda, falta pôr barrotes. Eu falei com ele para construir a minha grande como essa mesma.

B: Iyene?

TL: E ele?

A: Okosa tha bhô, inje yaga, ingamala dionomaga. Pronto onoarreda, ndiyona mutemba mwetemwene, epa, na mutemba munonelewe unga munziwe mini vinjiva maz miyo malabu awayi wene miyo ali mangonovi, lowadiya ubuwela munduni. I venya venuvale ndida okuno maz viage edilewo oweda deretu orampani venye okulo tchinay, okuno ndifiyele okuno...apa fiyele sabudo.

TL: Ele disse está bem, essa é minha, quando acabar hei-de construir. Pronto, passei, vi toda a zona, epa, como sabe na zona há muita coisa mas como os dias que me deram no serviço eram poucos, comecei a pensar atrás. Quando saí para cá a viagem andou bem, andamos bem na estrada. Saímos lá na quinta-feira chegamos aqui... aqui chegamos no sábado.

B: Malabu mararu né?

TL: Três dias não é?

A: Malabu mararu kaone vina wabure ndiofiya vina ninouthamalelane Mulugu.

TL: Três dias, não vi nada de mal cheguei também, agradeço a Deus.

B: Mweda-mweda sorte maz.

TL: Andaram com muita sorte.

A: Brigadu. Peno yenyoy vina?

TL: Obrigado. Não sei vocês também? (como ficaram também?)

B: Epa, miyo okuno niwala deretu intiye dinyu n'li veneva mpaka, inolaba (inde..) muli mweneva mpaka ndi nolaba mabasa vina mwizile nyuwo muthu não pode uparar tinha que alabé e mabasani vinaguwo vanokale makani maz sobre ninga munziwe dinyo venevale, oyiwa não oyiwa então maz ndinolabavi.

I vatakulo vinago anayma agumi, muyana vina agumi, abale abalaga vina ankala na miyo otene agumi kana makatamiyo.

Vinaguwo sobre viage daga miyo imala meter documento apa ndigela sumana inje, onoroma apa nobuduwa documento daga, nofunu vinaguwo ndidowe vina tchuwabo. Bay muselo ogoma veneva. Brigadu.

TL: Nós aqui ficamos bem. Quando nos deixou estamos sempre aqui, estamos a trabalhar (sim...), como sabe a pessoa não pode parar, tem de trabalhar, no serviço também não falta problemas, como você sabe roubo não roubo mas sempre estamos a trabalhar.

Em casa também as crianças estão bem, a mulher também está, aqueles meus irmãos também que ficam comigo estão todos de saúde não têm nenhum problema. Também sobre a minha viagem já meti os documentos, aqui estou a espera esta semana que vai começar vai sair os meus documentos, quero ir também para Quelimane. Nossas novidades terminam por aqui. Obrigado.

Diálogo III

A: Dhasensa. Bhô-tharde!

TL: Dá licença. Boa-tarde!

B: Bhô-tharde. Moyony!

TL: Bo-tarde. Bem vindo!

A: Brigadu!

TL: Obrigadu!

B: Kankilantin'thò. Mpadho siswene muziwave mpadho dhapano siswene.

TL: Sente-se! O assento é esse, sabe os assentos daqui são esses mesmos. (ralo).

A: Esidha thô nimala wuluvala kadhini thabuya apa?

TL: Nós já somos velhos não nos vai piorar aqui?

B: I ki undha nyuwo ya?

TL: Como é, lá donde (você) vem?

A: Yo ondhe una Kwaderetu wene, kawuli yabure nada, so ki dhamwilabony sinjivile.

TL: Nós donde viemos está tudo bem, não nada de mal, só os problemas da zona é que são muitos.

B: Sinjivile kakamwene!

TL: São muitos mesmos!

A: Nzilo apa nivelelana Manyanyani nidhuwana odhabo beluwa mwiveledana posonayé, nidhoa otia poso ifiya okule vinaguwe so ki inonanga dhimaya ejile walene orome vinagwe ovira vadhidhi mas ki ninamweire bany?

Nadhaylena namwithide posonaye, nimwthiedha yé niyela, nifiya vathakulo vinaguwa makani bathabwile nifwanyile nyamwere omowuja mwanaku ole waburamela. Wadhilegwime muthubi okuno obweleya.

TL: Ontem acompanhamos Manhani fomos à machamba, disseram-nos acompanhar com seus víveres, fui deixar os víveres, só cheguei lá também, estou a ver terminar aquela parcela antiga e começar outra, está a dar muito trabalho, mas fazer o quê?

Fomos entregar os víveres dela deixamos e voltamos, chegamos em casa também, o grande problema é que encontramos a raposa enquanto já tinha comido a galinha, aquela que estava a chocar ovos. Aquela que eu trazia o galo aqui para lhe emprestar.

B: Andhe; andhe...

TL: Sim, sim...

A: ...Ella warela maz wakana mazay kumi namathana nameli kadhi eje azare penô apa nyamwere omuthida, então pronto oli dhokwene oli okule wanwaye. É Mwalivo odhoa osikola apa mamayaye vinago onvelelana poso wilá aguentarna thô sumanadhe bhili, tharu ejo agadhaga m'nowona makalelo, ya egumi vinaguya; mas wa maningonimwaye kamuli makani nada. So ki maningoni mbara makiyaya, kala, balachawo kali mwenemu otene, etene balachawo oyvelevi ojina so kala kiyo. Ninamwirebani dhayene yo hi iso? Nawoniya andhimuwa poré-poré-poré funa thô wolapwene.

TL: Já tinha posto ovos e tinha 17 ovos, isso é azar não sei? A raposa pegou-lhe. Aqui morreu e está ali em casa dele. E Mwalivo já veio da escola, a mãe dele também lhe acompanhou o consumo para acabar com ele 2 ou 3 semanas. Quando chegar há-de ver a forma de fazer. A saúde também no corpo dele não tem problema nada. Só que o corpo é como o mar, caranguejos, caranguejinhos, camarão miúdo estão todos ali mesmo. Todos camarões miúdos são pequeninos come-se, só que caranguejos não há, é assim mesmo nós o que vamos fazer? Nós fizemos ver os mais velhos

B: Muith, muith...

TL: muito, muito...

A:... Kafwara dhi mwikukutha eso dhivampo ogwa popó-popó popó, 'nga iyo kana pasaze ndhile na mwedho. Nona nibeluwa, ayma aba vina amurundhani esy aponyaga nsibani dhwa, beluwa avião peno, eso dhikosani dholiadho, kwawo odho nsibani



afuna wale odowe wolobwana murampani mphô pronto yo nifiya okuno nadhile honani. Brigadu.

TL: Não segui a estrada dos carros que passam sozinhos a buzinar popó-popó, eu que não tenho passagem vim a pé é por isso que chegamos tarde. Essas crianças daqui do bairro também estavam a lançar coisas deles, avião não sei, isso que eles fazem de plástico. O seu amigo coiso queria ficar aí no caminho, eu é que lhe disse vamos lá, pronto viemos lhe ver. Obrigado.

B: Agora ki anayma abale asunza otchuwabo Muthiena na Andhorinha?

TL: Agora aquelas crianças que estão a esudar em Quelimane, Muthiena e Andhorinha?

A: Awene ali wenewo hai avira apa asunza clasi inaguiya beluwa clasi ya odécima peno...

TL: Elas estão lá já passaram de classe, assim estão a estudar outra cvlasse, disseram décima classe não sei.

B: Clasi ya kumi?

TL: Décima classe

A: Jijwene beluwa jjiwe wale na kalasi bhili bay agamala kalasi ensunza okule otchuwabo peno akala anadhoa wuvi peno, ojone peno. Brigadu.

TL: É isso mesmo, disseram que faltam 2 classes só que quando acabar já não tem classe para estudar lá em Quelimane, não sei para onde vão, não sei se vão para África do Sul... não sei? Obrigado.

TL: Obrigado.

B: Yo okuno vina niwala n'nowonani dhay murima ononi vuma kini kana malabo menjene ninomuthamalela Mulugu. Akwenyo abale akale okuno enaguiya vina adhowa wa titiyawo, adhowa wa bibiye wa masuziya. So Muthiena adhudhu oni vaya mabasa vadhidhi.

TL: Nós também aqui já vos vimos o nosso coração fica sossegado, não temos muitos dias agradecemos a Deus. Aqueles vossos amigos que ficavam aqui outros já foram na casa da tia deles, outros foram para casa da avó preparar os seus estudos. Só Muthiena essa é que nos dá muito trabalho.

A: Esile dhaye dholakathuwa...

TL: Aquele costume dela de jingar...

B: Dholakathuwa kakamwene, kanrumeia, nem ogaruma kadhoela manje onokodha, ogamuruma kadhoa wapiye iyene kaniwelelamovo aguvavene.

So Muthiena ena abo, Muthiena apa kelwa naona yego, nigaroma omuthiavo malabo. mangasi basunza ekalelo yedo yowedha nathu.

TL: De jingar mesmo, não se manda, quando mandamos para ir buscar água não vai nega, quando mandar vai cozinhar, ela não vai entende que tem que fazer depressa. Muthiena é hábito dela, Muthiena se encontrassemos outro sítio podíamos deixar lá alguns dias, estudar outra forma de andar com as pessoas.

A: Kanaseguede!

TL: Desgraça!

B: Muthiena ne kangonia athu munumba impu kangonia vina, masiku menaguwe n'nonanga mbwenye onopureya. Mwana worumeya, mwana onzuzumelaga..

TL: Muthiena nem deixa as as pessoas dormir, lá em casa também não se dorme, esses dias ainda estou a ver va lá. A criança responde, a criança aceita ser mandada.

A: Exactamente!

TL: Exactamente!

B: Ethene anowiwana na anamudhi yena, nikana anamudhi yena.

TL: Todos entendemo-nos bem com a outra família, temos outra família.

A: Inde!

TL: Sim!

B: Nikana mwana mwena odhu wali oku mwanawedha vina oyeba.

TL: Temos outra criança essa que estava ali noutras zonas também escreveu.

A: Wiyela?

TL: Voltou?

B: Kanawiyela wuruma mpaganyo ya awena ngafanya alibe akane maningo waniwaye akana mabasa anowedha pamene kuli yokwakwathuwa; vina omundha malabo abano n'noona ninga esile dhilimo nigafiya vayaka ninopuramo vangono.

TL: Não voltou mandou recado, disse que eles estão bem, com corpo saudável, em casa deles há trabalho, andam bem não têm problemas; na machamba também esses dias como estou a ver aquilo que tem quando o ano terminar hei-de aproveitar um pouco.

A: Maz thô miyo dhayiwa beluwa mwadhiye warumali, wabaya mwanaya neni?

TL: Eu ouvi dizer que a mulher dele estava grávida já nasceu a criança ou ainda não?

A: Mwana oza obali wa maz niyo munozuwa dhina Mulugu, Mulugu dhi mwinyene odha omwithani n'noona venevale anamudhi azuzuma vadhidhi vowila vilobo esile

ninga dhigomele venevale. So okule murudhabile mwina mpaganyo lowila moya ndniyopa, nnoona venevale iyo nonavo vowila Mulugu onompuriamo thotho. Hha wila nikalana makatamiyo menjene. Ninouthamalelane.

TL: A criança nasceu mas como sabes Deus é o todo poderoso, já chamou. Por isso ali a família ficaram muito admirados que as coisas tenham que acabar assim. Só naquela outra zona já veio recado que diz que o meu sogro está doente, assim nós estamos a ver que Deus encaminha as coisas para o bem.

Não tenho muita coisa a dizer, obrigado.

B: Brigadu!

TL: Obrigado!

Diálogo IV

A: Bom-dia!

TL: Bom-dia!

B: Bom-dia!

TL: Bom-dia!

A: Mmm ki apava egumiya ya?

TL: Hum, como é a saúde daqui?

B: Ha iyo noliba brigado, peno yenyo vina?

TL: Ah aqui nós estamos bem de saúde obrigado, não sei vocês também?

A: Ah jijwene, so eki dhabuno nagumana okumpune muchido mpule. Kay thô nikoloene odho ovuzaga ki papa Humberto Ruberto ah ndiyene maz iyene ya waprometer wila nkosa...

TL: Hum é isso mesmo, só que nós hoje tivemos um encontro lá embaixo. Não é aquela velha que pergunta papa Humberto Ruberto é ele mesmo, prometeu que coiso...

B: Hi nzilo né?

TL: Ontem né?

A:...onodha dhabuno apa dhimingo maz wanganelawo oroma mabesi mpako ovane apa em vez ovira okuno onivuzelaga nkadilo, agora peno ella pumenemo?

TL:...havia de vir hoje domingo mas esperamos desde manhã até agora em vez de passar por aqui a nos saudar não veio, agora não sei se esta lá mesmo?

B: Por acaso yabure vathakulo kaivo chinô ekodhele yo odha onuklioni mm nga mwagumana neliwo nzilo dhauthagueda wimiyo mangwana orucha na orucha dhinokala wenewo. Então na dhilogumana Só André omathiyuwene obule.

TL: Por acaso coisas de mal lá em casa não há, hoje o que me fez não me apresentar no núcleo, como nos encontramos ontem e já te tinha informado que amanhã custa que custar hei-de estar lá, só que encontrei com senhor André naquela noite...

A: Nga nzilo yali omalelo wa sumana...

B:...Wilô thukulela mundhimuwa Mwalaleya odhizer odigulela kachasao. Mfiedhiny vatakulo logona dhivenyile kwaze yali mudhi nithanu na minay dha mambesi nomala kadhiwodhule odhoa onuklioni maz wabure kaiyo

TL:... levou-me ao velho Mwaleleia e disse para lhe comprar aguardente. Quando cheguei a casa dormi acordei quase eram 9 horas da manhã e não deu para ir ao núcleo, mas não se passa nada de mal.

A: Okule vina onuklioni owedha nikana osasanyeda da mabasa aba a festa dhilo dhina munowiwa sumana ejo undao.

B: Esi dha festa dhiviavi?

TL: As coisas da festa já estão quente?

A: Inde dhiviavi, kanoonavo vilobo vainjivene ninouthamalélane.

TL: Sim estão quentes, não tenho muita coisa (a dizer), agradeço.

B: Brigadu.

TL: Obrigado

ANEXO II - PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS INFORMANTES

Comunidade católica Echuwabo do bairro da Malhangalene

Informante 1

Idade: 42 anos

Sexo: Masculino

Habilitações literárias: 4ª classe

Naturalidade: Macuzi-Namacurra

Profissão: Guarda noturno (Escola Secundária da Malhangalene); catequista.

Informante 2

Idade: 28 anos

Sexo: Masculino

Habilitações literárias: 6ª classe

Profissão: Guarda noturno (Escola Secundária da Malhangalene)

Comunidade católica Echuwabo do bairro 25 de Junho

Informante 3

Idade: 29 anos

Sexo: Masculino

Habilitações literárias: Instituto Industrial

Naturalidade: Quelimane

Profissão: Contabilidade; catequista.

Informante 4

Idade: 38 anos

Sexo : Masculino

Habilitações literárias: 6ª classe

Naturalidade: Quelimane

Profissão: Serralheiro; animador (da comunidade)

Informante 5

Idade: 28 anos

Sexo: Masculino

Habilitações literárias: Instituto Industrial

Naturalidade: Quelimane

Profissão: Mecânico, catequista.

Informante 6

Idade: 28 anos

Sexo: Masculino

Habilitações literárias: Instituto Industrial

Naturalidade: Quelimane

Profissão: Informático, catequista.

ERRATA

Página	Onde se lê	Deve-se ler
iv	motivação	motivação
1	contrariamernte	contrariamente
2	concelho	conselho
2	...pretendemos fazer uma das formas de cumprimento	... pretendemos fazer uma análise das formas de cumprimento
10,11,12,13,27,29,39	fáctica	fática
20	... para os falantes se cumprimentem	...para que os falantes se cumprimentem
29	aquí	aqui